

O pontificado de Francisco em perspectiva ecumênica

The pontificate of pope Francis in an ecumenical perspective

Antônio Lopes Ribeiro¹

Resumo

Após longos séculos de exclusão e fechamento, o Vaticano II abriu as portas da Igreja ao mundo moderno, em uma virada histórica, mais bem compreendida em chave dialógica: diálogo com outros cristãos, não cristãos e com a cultura. O Vaticano II reconhece o movimento ecumênico e o valor salvífico das religiões não cristãs, dedicando três documentos sobre esses dois temas. Em contexto pós-conciliar, o papa João Paulo II manifestou-se aberto à causa da unidade entre os cristãos, com publicações importantes, como a carta encíclica *Ut unum sint*. Seu sucessor, o papa Bento XVI, já estigmatizado pela *Dominus Iesus* pouco fez pela causa ecumênica. Com sua abdicação ao papado, assume o papa Francisco, a grande esperança à causa ecumênica. Este artigo trata sobre a abertura da Igreja católica na visão do papa Francisco ao ecumenismo, que ao reiterar os ensinamentos ecumênicos conciliares, bem como de outros importantes documentos do magistério, dá-lhes um toque especial, mostrando ao mundo que o caminho da concórdia, da justiça e da paz se faz pela busca da unidade através do diálogo, caminho este a ser trilhado não só por todos os cristãos, mas também pelos não cristãos, religiosos ou não.

Palavras-chave

Cristianismo. Ecumenismo. Diálogo inter-religioso. Unidade. Religião.

Abstract

After centuries of exclusion and isolation, the Vatican II opened the doors of the Church to the modern world, in a historical turning point, better understood as a dialogical scheme: dialogue with other Christians, non-Christians and with the culture. The Vatican II recognized the ecumenical movement and the salvific value of the non-Christian religions, dedicating three documents to these two subjects. In a post-conciliatory context, the pope John Paul II showed openness to the cause of unity among Christians, with important publications, such as the encyclical letter *Ut unum sint*. His successor, the pope Benedict XVI, already stigmatized due to the *Dominus Iesus*, did little for the ecumenic cause. With his resignation, came the pope Francis, the great hope of the ecumenic cause. This article deals with the openness of the Catholic Church to the ecumenism in the view of pope Francis, who after reiterating the ecumenic council's teachings, as well as other important documents, added to them a special touch, showing to the world that the path to concord, justice and peace is made by the search for unity through dialogue, and that this path must be followed not only by all Christians, but also by the non-Christians, religious or not.

Keywords

Christianity. Ecumenism. Interreligious dialogue. Unity. Religion.

¹ Doutor e mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Especialista em Diálogo Ecumênico e Inter-religioso pelo Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC/FAJE). Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia da Arquidiocese de Brasília (FATEO). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da FATEO e de Teologia do Seminário Redemptoris Mater da Arquidiocese de Brasília. Contato: lopesribeiro@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Por muitos séculos a Igreja católica esteve fechada a qualquer possibilidade de relacionamento positivo com outras expressões da fé cristã e também com as religiões não cristãs, afirmando-se como única e verdadeira religião, vociferando ao mundo o velho axioma *extra ecclesiam nulla salus*. Essa realidade de exclusão viria a mudar com a realização do Vaticano II, que ao abrir as portas da Igreja ao mundo moderno, rompeu com 400 anos de Contrarreforma. Com efeito, o concílio significou um divisor de águas, com uma virada histórica da Igreja católica em sua relação com a cultura moderna, a qual é melhor compreendida por duas palavras-chave que são essenciais na compreensão dessa abertura: *aggiornamento*² e diálogo, a que Mário de França Miranda (2006, p.15-17) atribui como “o sonho de João XXIII” e que sintetizam, portanto, o que pretendia com a realização do concílio.

Embora a abertura ecumênica esteja presente em diversos documentos conciliares, o decreto *Unitatis redintegratio* é o documento dedicado exclusivamente a essa temática, concretizando um desejo de João XXIII. Nele a Igreja católica reconhece o movimento ecumênico, que surgiu no meio protestante, afirmando-o como fruto da ação do Espírito Santo (UR 1). No que significou um ganho enorme para o protestantismo, historicamente negado, os padres conciliares reconhecem haver sinais de eclesialidade fora do âmbito da Igreja católica, afirmando que não poucas ações sagradas do cristianismo, que são celebradas por nossos irmãos separados, podem “produzir a vida da graça e devem mesmo ser tidas como aptas para abrir a porta à comunhão da salvação.” (UR 3). Portanto, de forma alguma as outras Igrejas cristãs e comunidades eclesiais dos irmãos separados “não estão despojadas de sentido e de significação no mistério da salvação.” (UR 3).³ Conta-se, ainda, a seu favor que “o Espírito de Cristo não recusa servir-se delas como de meios de salvação cuja virtude deriva da própria plenitude de graça e verdade confiada à Igreja católica.” (UR 3). Como dirá mais tarde o papa João Paulo II, “para além dos limites da Comunidade católica, não existe o vazio eclesial.” (UUS 13).

Em contexto pós-conciliar, ainda que seu pontificado possa ser descrito como de linha conservadora, o papa João Paulo II manifestou-se aberto à causa da unidade entre os cristãos, apoiando o movimento ecumênico, conforme explicita profundamente na carta encíclica *Ut unum sint*, a qual se tornou notória, ao lado do decreto *Unitatis redintegratio*. Seja por palavras ou gestos, de fato o pontificado de João Paulo II marcou profundamente o caminho da Igreja rumo à reconciliação com todos os cristãos, pela via do diálogo, em vista à unidade, a fim de testemunhar Jesus Cristo ao mundo. Já o papa Bento XVI, marcado que foi pelo estigma da

² A palavra *aggiornamento* se refere a uma abertura crítica da Igreja ao mundo moderno tendo como critério o Evangelho (LORSCHIEDER, 2005, p. 18).

³ Isto sinaliza uma releitura positiva do dogma *extra ecclesiam nulla salus*, afirmando-lhe um caráter inclusivista, como já havia feito anteriormente o papa Pio IX, no século XIX, em relação aos não cristãos. O Vaticano II isenta de culpa aqueles que nascem nas comunidades cristãs e que “são instruídos na fé de Cristo”, não podendo os mesmos ser “acusados do pecado da separação”, razão pela qual “a Igreja católica os abraça com fraterna reverência e amor. Pois aqueles que [creem] em Cristo e foram devidamente batizados, estão em certa comunhão, embora não perfeita, com a Igreja católica.” (UR 3).

O pontificado de Francisco em perspectiva ecumênica

Dominus Iesus (uma herança quase que maldita, de quando comandava a Congregação para a Doutrina da Fé, considerada um retrocesso no diálogo ecumênico), praticamente freou a causa ecumênica levantada pelo Vaticano II, pouco fazendo para a promoção do diálogo ecumênico e inter-religioso. Francisco, portanto, surge como a grande esperança à causa ecumênica.

Este artigo trata sobre essa abertura da Igreja católica na visão do papa Francisco, o qual desponta como a grande esperança da causa ecumênica, como veremos, a seguir, ao reiterar os ensinamentos ecumênicos do Concílio Vaticano II, dando-lhes um toque especial, mostrando ao mundo que o caminho da concórdia, da justiça e da paz, se faz pela busca da unidade através do diálogo, caminho este a ser trilhado por todos os cristãos e até mesmo os não cristãos.

1 PAPA FRANCISCO: UM PERFIL ECUMÊNICO

O que esperar de alguém que veio de um país classificado como de terceiro mundo, de um continente marcado por injustiças sociais, por uma assimetria profunda entre ricos e pobres, pela intolerância religiosa, pela devastação da natureza, dentre tantos problemas que interpelam a Igreja hoje? Certamente, por sua própria história de vida, por sua dedicação aos pobres, aos excluídos, Bergoglio jamais se apresentaria ao mundo como alguém que seria capaz de defender uma Igreja triunfalista, fechada em si mesma, engessada em torno de seus dogmas e doutrinas. Isto significaria trair a própria vocação da Igreja latino-americana, centrada numa missão profética, de anúncio do Evangelho, na modalidade de inculturação, compromissada com a libertação deste povo que sofre com a pobreza, com a miséria e com a opressão.

Elias Wolff (2014, p. 536) considera que Francisco não seja “apenas um novo papa e um novo pontificado, mas um novo modo de exercer o papado.” Em termos weberianos, o papa Francisco possui um carisma especial, profundamente ecumênico. O cardeal Walter Kasper (2014) descreve Francisco como um papa do encontro, e promotor ecumênico do encontro, um promotor ecumênico da paz. É parte de seu carisma e do mistério da sua “radiosidade” pessoal, “a capacidade de acolher com estilo muito humano, cordial e fraterno, toda pessoa com quem ele se encontra, seja católica, ortodoxa ou evangélica, ou de outras religiões, ou de nenhuma religião.” Francisco promove o ecumenismo pensando e agindo ao mesmo tempo. “Ele sabe bem que não podemos esperar, de repente, pela solução dos problemas, ainda mais se forem problemas que se arrastam há séculos”, diz Kasper, reconhecendo que essa atitude do papa Francisco reflete “a pedagogia adotada por Deus mesmo na história da salvação, quando ele empreendeu com o seu povo, com grande e incansável paciência, um longo caminho, muitas vezes até caracterizado por marchas à ré.” Como especialista pedagogo, com essa mesma paciência que Deus teve para com seu povo, o papa Francisco deverá continuar a ter também com a sua Igreja. Assim, sobe na ponte de comando a fim de indicar aos outros o caminho a ser seguido.

2 A *EVANGELII GAUDIUM* E UMA NOVA FORMA DE SER DA IGREJA

Embora pouco fale sobre o diálogo ecumênico na exortação apostólica *Evangelii gaudium*, contudo, fica bastante visível a abertura dialógica do papa Francisco em todo o documento. Francisco apresenta o programa de seu pontificado esboçando seus planos pastorais para a Igreja católica para os próximos anos (EG 1), “oferecendo-nos assim uma base segura para conhecer o pensamento deste papa”, ainda que por meio de uma temática bastante ampla e complexa (MIRANDA, 2017, p. 30). Não se pode deixar de considerar, por exemplo, o tema da “Igreja em saída”, um verdadeiro convite à “saída” missionária em que conclama cada cristão e cada comunidade ao discernimento sobre “qual é o caminho que o Senhor lhe pede” e a “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho.” (EG 20). É esse mesmo espírito de “saída” que proporciona também o diálogo ecumênico, com as igrejas ortodoxas e também com as comunidades eclesiais (do protestantismo histórico e pentecostal) em vista a estabelecer um núcleo comum não dogmático e não doutrinário, para a evangelização, nos moldes do primeiro anúncio.

Lembrando, certamente, a longa história de exclusivismo da Igreja católica, o papa Francisco fala que “não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico.” (EG 117). Fechar-se em si mesmo “é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos.” (EG 87). O papa Francisco lembra que o compromisso ecumênico tem correlação com a oração sacerdotal de Jesus pedindo ao Pai “que todos sejam um só” (Jo 17,21). Comenta o papa que a credibilidade do anúncio cristão seria bem maior se as divisões fossem superadas pelos cristãos e a Igreja realizasse “a plenitude da catolicidade que lhe é própria naqueles filhos que, embora incorporados pelo Batismo, estão separados da sua plena comunhão.” (EG 244). Um só é o caminho, Jesus, pelo qual peregrinamos todos juntos. Em razão disso, diz o papa, “devemos abrir o coração ao companheiro de estrada sem medos nem desconfianças, e olhar primariamente para o que procuramos: a paz no rosto do único Deus.” (EG 244). Aqui está a marca de Francisco: “O abrir-se ao outro tem algo de artesanal”, a própria paz “é artesanal” (EG 244). Uma criatividade que impressiona, para dizer que o abrir-se ao outro é algo a ser construído, não se dá de pronto; de igual modo, a paz. Trata-se de um esforço conjunto a se dar pela via do diálogo.

À luz desse peregrinar juntos, dessa abrir-se ao outro, desse empenho pelo estabelecimento da paz, “o ecumenismo é uma contribuição para a unidade da família humana.” (EG 245). A divisão entre os cristãos é um contratestemunho para o mundo, principalmente na Ásia e na África, tornando-se urgente a busca de caminhos de unidade. Nesses continentes, os missionários recebem repetidamente críticas, queixas e sarcasmos por causa do escândalo que significa a divisão. “Se nos concentrarmos nas convicções que nos unem e recordarmos o princípio da hierarquia das verdades, poderemos caminhar decididamente para formas comuns de anúncio, de serviço e de testemunho.” (EG 246). Não podemos ficar indiferentes ante a

O pontificado de Francisco em perspectiva ecumênica

imensa multidão que ainda não recebeu o anúncio de Jesus Cristo. Em razão disso, “o esforço por uma unidade que facilite a recepção de Jesus Cristo deixa de ser mera diplomacia ou um dever forçado para se transformar num caminho imprescindível da evangelização.” (EG 246).

A contradição da divisão entre cristãos piora ainda mais as coisas em países já dilacerados pela violência. Aqueles que deveriam ser um ativo fermento de paz, por estarem divididos, contribuem para a violência. Aqui o papa Francisco relembra implicitamente daquele jargão do papa João XXIII, conforme o qual “é muito mais forte aquilo que nos une do que quanto nos divide” (UUS 20), afirmando que “são tantas e tão valiosas as coisas que nos unem! E, se realmente acreditarmos na ação livre e generosa do Espírito, quantas coisas podemos aprender uns dos outros!” (EG 246). Assim, o papa nos lembra da grande riqueza do intercâmbio de dons, que se dá pela via do diálogo, ao afirmar que “não se trata apenas de receber informações sobre os outros para os conhecermos melhor, mas de recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós”. Assim, por esse “intercâmbio de dons, o Espírito pode conduzir-nos cada vez mais para a verdade e o bem.” (EG 246). Isto enriquece muito o diálogo, pois as riquezas espirituais do outro não é vista mais como ameaça à nossa fé, mas como algo enriquecedor.

3 ASPECTOS ECUMÊNICOS DO PONTIFICADO DE FRANCISCO

Em discurso que fez quando de sua visita de cortesia ao Patriarcado Copta-Ortodoxo, no Cairo, em 2017, como parte da programação de sua viagem apostólica ao Egito, ao dirigir-se ao papa Tawadros II, o papa Francisco reconhece a importância do ecumenismo, o qual não é um acessório da Igreja cristã, o qual possa se descartar. Diz o papa que “já não podemos esconder-nos atrás de desculpas de divergências de interpretação, nem atrás de séculos de história e tradições que nos tornaram estranhos”. O ecumenismo já é uma realidade entre os cristãos, a qual não pode ser ignorada. Recorda que “há não só um ecumenismo feito de gestos, palavras e compromisso, mas uma comunhão já efetiva, que cresce dia a dia no relacionamento vivo com o Senhor Jesus”, a qual se encontra já na fé professada e funda-se de fato no nosso batismo (FRANCISCO, 2017).

A seguir, alguns aspectos que destacamos em alguns encontros do papa Francisco com a pluralidade eclesial e religiosa, os quais constitui a marca do seu pontificado, expressando sua grande criatividade e capacidade de inovar,⁴ apresentando o ecumenismo com termos novos, dispostos de forma didática, o que reforça ainda mais seu caráter carismático, de profundo teor pedagógico.

⁴ Em seus discursos, o papa Francisco mostra toda uma originalidade, um estilo próprio, uma grande capacidade de inovação. Tornou-se mestre na arte de criar neologismos, introduzindo verbos como: “primeirar” (Iniciativa de Deus que vem ao nosso encontro), “misericordiar” (deixar-se perdoar), “balconear” (assistir da sacada), “ningunear” (desprezar), ao lado de expressões populares como “cara de pepino no vinagre”, “pescar uma ideia”, “periferias existenciais”.

3.1 O tema da unidade e diversidade entre os cristãos

Ao receber membros do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos (PCPUC), no Palácio Apostólico, em novembro de 2016, o papa Francisco (2016) afirmou que a unidade desejada por Jesus é uma de suas preocupações principais. O papa coloca a busca pela unidade como uma exigência essencial da fé, que brota do íntimo de nossa crença em Jesus Cristo. Ao comentar a oração sacerdotal de Jesus ao Pai, “para que todos sejam um” (Jo 17,21), o papa argumenta que “aquilo pelo que ansiamos é a unidade no amor do Pai que vem até nós em Jesus Cristo”. A união em torno de Cristo, num gradual conformar-nos com Ele, num viver cada vez mais n’Ele, é o que “nos permitem crescer na comunhão entre nós.”

Nesse encontro com os membros do PCPUC, o papa sublinhou o caráter divino do ecumenismo ao afirmar que “a unidade não é o fruto dos nossos esforços humanos ou o produto construído por diplomacias eclesásticas, mas é um dom que vem do alto”. Conforme explicou, nós “homens não somos capazes de fazer a unidade sozinhos, nem podemos decidir as formas nem os tempos” em que ocorrerá essa unidade. Torna-se, portanto, tarefa nossa “acolher este dom e torná-lo visível a todos.” (FRANCISCO, 2016). A busca pela unidade tem sua própria dinâmica. De forma bastante didática, o papa fala da unidade de forma tríplice, conforme apresentada a seguir.

O papa Francisco (2016) compreende que, antes de ser meta, *a unidade é um caminho*⁵ a ser percorrido e enquanto tal está sujeito à marcha e ritmo próprios, a atrasos, acelerações, podendo até mesmo estacionar-se. Nessa condição de caminho, vista com todo realismo e maturidade, a unidade “exige espera paciente, tenacidade, esforço e dedicação; não anula os conflitos nem cancela os contrastes, aliás, por vezes pode expor ao risco de novas incompreensões.” A unidade assim concebida só pode ser acolhida por aquele que se decide “a percorrer este caminho, sendo confortado pela experiência contínua de uma comunhão jubilosamente divisada, mesmo se ainda não plenamente alcançada.” (FRANCISCO, 2016).

O papa observa que *a unidade não é uniformidade*. Alinhando-se ao Vaticano II, Francisco (2016) vê como uma riqueza que não ameaça a unidade da Igreja católica “as diferentes tradições teológicas, litúrgicas, espirituais e canônicas que se desenvolveram no mundo cristão, quando permanecem enraizadas de modo autêntico na tradição apostólica.” Desta forma, qualquer tentativa de suprimir essa diversidade significa “ir contra o Espírito Santo, que atua enriquecendo a comunidade dos crentes com uma variedade de dons.” Torna-se, portanto, como tarefa ecumênica, “respeitar as diversidades legítimas e fazer com que se superem as divergências irreconciliáveis com a unidade que Deus pede”, cientes de que “a

⁵ “Gosto de repetir que a unidade se faz a caminho, para recordar que quando caminhamos juntos, ou seja, quando nos encontramos como irmãos, rezamos juntos, colaboramos juntos no anúncio do Evangelho e no serviço aos últimos já estamos unidos”, diz o papa, observando que “todas as divergências teológicas que ainda dividem os cristãos serão superadas unicamente por esse caminho, sem que nós saibamos como e quando, mas isto acontecerá segundo aquilo que o Espírito Santo quiser sugerir para o bem da Igreja.” (FRANCISCO, 2016).

O pontificado de Francisco em perspectiva ecumênica

persistência destas diferenças não deve nos paralisar, mas deve nos impulsionar a procurarmos juntos a forma de enfrentar tais obstáculos.” (FRANCISCO, 2016).

Por fim, o papa afirma que *a unidade não é absorção*. Não vivemos mais em tempos de exclusivismo religioso, quando a única possibilidade de salvação implicava um retorno à barca de Pedro. Hoje a Igreja pensa diferente e o papa Francisco (2016) recorda isto ao afirmar que “a unidade dos cristãos não comporta um ecumenismo de ‘marcha ré’.” Reiterando o que já havia dito na *Evangelii gaudium*, a unidade “nem sequer tolera o proselitismo, que aliás é um veneno para o caminho ecumênico.” O ecumenismo somente será autêntico quando formos capazes de sairmos de nós mesmos, a termos como referencial para o diálogo não as nossas próprias argumentações e formulações, mas a Palavra de Deus, a qual deve ser ouvida, acolhida e testemunhada no mundo. Em razão disso, antes de ver aquilo que nos separa, precisamos perceber, também de modo existencial, aquilo que é essencial no ecumenismo, que é a riqueza do que temos em comum, o que nos possibilita “reconhecer-nos como irmãos e irmãs que creem no único Senhor e Salvador Jesus Cristo, comprometidos juntos a procurar o modo de obedecer hoje à Palavra de Deus que nos quer unidos.” (FRANCISCO, 2016).

Sobre o tema da diversidade, na opinião do papa Francisco, o Espírito Santo é quem faz a “diversidade” na Igreja. Mas uma diversidade, deveras, tão rica, tão bonita. Depois, o mesmo Espírito faz também a unidade e, dessa forma, a Igreja se torna uma na diversidade. “Ele faz ambas as coisas: faz a diversidade dos carismas e depois a harmonia dos carismas.” (FRANCISCO, 2014d). O papa usa a figura geométrica do poliedro para explicar como se dá a unidade na diversidade: embora seja uma unidade, o poliedro tem todas as partes diversas. Assim também é no ecumenismo: cada Igreja tem sua peculiaridade, seu carisma. “É neste caminho que nós cristãos fazemos aquilo a que chamamos com o nome teológico ecumenismo: procuremos fazer com que esta diversidade seja mais harmonizada pelo Espírito Santo e se torne unidade.” (FRANCISCO, 2014b). Aqui, o papa Francisco assume, de modo implícito, o tema da unidade na diversidade, muito referido no meio ecumênico.

3.2 As formas de ecumenismo como caminho a ser percorrido

Em discurso dirigido aos participantes da Conference of Secretaries of Christian World Communions, em outubro de 2016, o papa Francisco diz que “o ecumenismo é feito a caminho”, acrescentando em seguida que esse caminho é feito “não com o meu Jesus contra o teu Jesus”, mas todos com Jesus. A dinâmica desse caminho do ecumenismo se dá de forma tríplice: um ecumenismo da oração, um ecumenismo do trabalho e um ecumenismo de sangue.

Temos um *ecumenismo da oração*. Esse tipo de ecumenismo, defendido pelo papa, foi chamado pelos padres conciliares de ecumenismo espiritual, a alma do ecumenismo, que implica a conversão do coração e a santidade de vida, “juntamente com as orações particulares e públicas pela unidade dos cristãos.” (UR 8). Ao fomentar essa modalidade de ecumenismo, o papa o compara à respiração do ser humano. “A respiração é constituída por duas fases”,

explica, que consiste em “deixar entrar o ar, e expirar, deixá-lo sair”. De igual modo, “a vida espiritual alimenta-se, nutre-se da oração e manifesta-se na missão: inspiração, a oração, e a expiração”. Ou seja, quando “inspiramos, na oração, recebemos o ar novo do Espírito, e ao expirá-lo, anunciamos Jesus Cristo, suscitado pelo mesmo Espírito.” (FRANCISCO, 2014c). O ecumenismo da oração ou ecumenismo espiritual tem por finalidade “rezar em comum, anunciar juntos que Jesus é o Senhor e intervir comunitariamente em benefício dos pobres, de todas as formas de pobreza.” (FRANCISCO, 2014c).

Depois, temos um *ecumenismo do trabalho*, “por tantos necessitados, por homens e mulheres que hoje sofrem injustiças, guerras”, diz o papa Francisco (2017), que assinou uma Declaração Comum (DC)⁶ com o papa da Igreja Copto-Ortodoxa, Tawadros II, quando de sua visita de cortesia ao Patriarcado Copto-Ortodoxo, no sentido de se dar uma resposta compartilhada, fundada nos valores do Evangelho e nos tesouros das respectivas tradições, como: sacralidade e dignidade da vida humana, sacralidade do matrimônio e da família, bem como o respeito por toda a criação, a nós confiada por Deus, à multiplicidade de desafios contemporâneos, com destaques para a secularização e a globalização da indiferença (DC n. 7-8). Esse ecumenismo do trabalho é identificado por Faggioli como ecumenismo das relações bilaterais entre igrejas, típico do período pós-Vaticano II, com um diferencial: se antes se privilegiava os distintos papéis dos diálogos ecumênicos oficiais, agora, com Francisco, associa-se o diálogo ecumênico relacionado com sua “eclesiologia do povo”, dotado de uma *infallibilitas in credendo* (EG 119), ou seja, a infabilidade das pessoas nos fundamentos da sua fé. O papa entende que as relações ecumênicas entre igrejas diferentes necessitam de atos solenes e textos oficiais, porém, eles não teriam qualquer sentido sem a recepção deles pelo povo (FAGGIOLI, 2017).

Por fim, temos um *ecumenismo do sangue*,⁷ que se dá pela perseguição das minorias cristãs ou aos cristãos, por parte de terroristas ou dos poderes mundiais, não importando quem quer que seja, se luterano, ortodoxo, católico, reformado, pentecostal. Todos são reconhecidos como cristãos. Segundo o papa, esse ecumenismo do sangue, o qual chama também de ecumenismo do sofrimento, “possui uma eficácia particular não só para os contextos onde o mesmo tem lugar, mas, em virtude da comunhão dos santos, também para toda a Igreja.”

⁶ A intensão da assinatura conjunta desse documento é no sentido de dar um testemunho cristão compartilhado, em vista a uma “existência pacífica, promovendo a tranquilidade e concórdia entre cristãos e muçulmanos, testemunhando que Deus deseja a unidade e a harmonia de toda a família humana e a igual dignidade de cada ser humano.” (FRANCISCO, 2017).

⁷ O ecumenismo do sangue, o qual Francisco se refere por diversas vezes em seu pontificado, que se expressa na irmandade de cristãos de todas as igrejas e tradições teológicas perante as perseguições, sobretudo no Oriente Médio, África e Ásia. Temos aqui o martírio como fonte teológica a redefinir o ecumenismo, mais do que os sistemas teológicos e eclesiásticos ocidentais possam compreender. A questão que se coloca é a dos refugiados que escapam à perseguição, uma questão humanitária e política, que é de igual modo inter-religiosa e ecumênica. Passa-se, assim, da discussão em torno de uma “hospitalidade eucarística”, para o problema da hospitalidade *tout court* dos que fogem da morte e destruição (sejam eles católicos ou não). O que está em jogo nesse tipo de ecumenismo do sangue, é que agora, o cristianismo é colocado à prova mais por sua resposta à crise humanitária de hoje do que por obstáculos dogmáticos à plena comunhão entre as Igrejas (FAGGIOLI, 2017).

O pontificado de Francisco em perspectiva ecumênica

(FRANCISCO, 2014d). Diz Francisco (2016) que o “inimigo não erra, sabe reconhecer bem onde está Jesus. Este é o ecumenismo do sangue”, citando como testemunhas desse tipo de ecumenismo os frades copto-ortodoxos degolados no litoral da Líbia, os quais testemunharam a fé cristã, confessando o nome de Jesus, ao morrerem dizendo: “Jesus, ajuda-me!”. Em visita à Igreja Copto-Ortodoxa, no Cairo, durante sua viagem apostólica ao Egito em abril de 2017, o papa falou sobre o sacrifício dos mártires, que se traduz em uma maravilhosa história de santidade desta terra. Referindo-se ao martirólogo da Igreja Copta, o papa diz que o sangue inocente dos fiéis, cruelmente derramado, nos une. “Assim como é única a Jerusalém celeste, assim também os nossos sofrimentos.” (FRANCISCO, 2017). Aqui o papa Francisco não só amplia o sentido do martirologio para além da Igreja de Roma, mas também o contextualiza, inserindo nele aqueles que perderam suas vidas por amor ao Evangelho.

CONCLUSÃO

Sempre com um largo sorriso no rosto, com uma linguagem popular, simples, mas ao mesmo tempo com ensinamentos profundos, o papa Francisco vem encantando as pessoas no mundo inteiro, católicos, cristãos de outras denominações e não cristãos, merecendo críticas positivas até mesmo daqueles que não expressam religião nenhuma. Com efeito, o papa Francisco trouxe a um mundo marcado pelo vazio existencial, sentimentos de esperança, de acolhimento, de alegria, de sentido à vida. Reiterando a abertura do Vaticano II, lança o desafio de se repensar a fé e a relação da Igreja com o mundo, fazendo com que a mesma voltasse aos ideais dos primeiros tempos do cristianismo. Reacendeu a esperança daqueles que se dedicam ao movimento ecumênico e ao diálogo inter-religioso, mostrando-se disposto a dar continuidade à abertura proporcionada pelo Vaticano II, ressaltando o grande significado que aquele concílio tem para o caminho ecumênico.

Com efeito, o papa Francisco tem se destacado como um papa ecumênico. Seu pontificado tem sido marcado por encontros ecumênicos e inter-religiosos, tanto em Roma, como nas viagens que vem fazendo a diversos países do mundo. Em pouco tempo de pontificado, o papa Francisco mostrou que quer realmente uma Igreja aberta ao diálogo, abandonando de vez o exclusivismo religioso que por tanto tempo a impediu de abrir-se às outras expressões da fé cristã e às outras religiões. Sabemos que os tempos são outros, que nossa realidade não comporta mais exclusivismos e que a Igreja católica, sob pena de cair no esquecimento e mofar enclausurada em torno de seus dogmas e doutrinas, deve abrir suas portas e deixar entrar o ar novo da realidade pós-moderna, marcada pelo pluralismo eclesial e religioso. Nesse sentido, o papa Francisco surge como a nova esperança para a Igreja, para o movimento ecumênico e para o diálogo entre as religiões, em vista de se construir um mundo melhor. ✨

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Marcello **Entroncamentos e entrechoques: vivendo a fé em um mundo plural**. São Paulo: Loyola, 1991.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Unitatis redintegratio. In: DOCUMENTOS do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2007, p. 215-239.

FAGGIOLI, Massimo. Papa Francisco no Egito: por que o ecumenismo é necessário. **Instituto Humanitas Unisinos**, 9 maio 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/567428-papa-francisco-no-egito-por-que-o-ecumenismo-e-necessario-artigo-de-massimo-faggioli>>. Acesso: 14 maio 2018.

FRANCISCO. Carta do papa Francisco aos participantes na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos. **A Santa Sé**, 20 nov. 2014a. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2014/documents/papa-francisco_20141120_lettera-plenaria-unita-cristiani.html>. Acesso em: 12 maio 2018.

_____. Celebração ecumênica por ocasião do 50º aniversário do encontro em Jerusalém entre o papa Paulo VI e o patriarca Atenágoras. **A Santa Sé**, 25 maio 2014b. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140525_terra-santa-celebrazione-ecumenica.html>. Acesso em: 12 maio 2018.

_____. Discurso do papa Francisco aos membros da “Catholic fraternity of Charismatic Covenant Communities and Fellowships”. **A Santa Sé**, 31 out. 2014c. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141031_catholic-fraternity.html>. Acesso em: 14 maio 2018.

_____. Discurso do papa Francisco aos membros da Renovação no Espírito Santo. **A Santa Sé**, 3 jul. 2015. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150703_movimento-rinnovamento-spirito.html>. Acesso em: 14 maio 2018.

_____. Discurso do papa Francisco aos participantes na plenária do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos. **A Santa Sé**, 10 nov. 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161110_plenaria-unita-cristiani.html>. Acesso em: 11 maio 2018.

_____. Viagem apostólica do papa Francisco ao Egito (28-29 de abril de 2017). Visita de cortesia a S.S. papa Tawadros II. **A Santa Sé**, 28 abr. 2017. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/documents/papa-francesco_20170428_egitto-tawadros-ii.html>. Acesso em: 13 maio 2018.

_____. Visita privada do Santo Padre a Caserta para o encontro com o pastor evangélico Giovanni Traettino. **A Santa Sé**, 28 jul. 2014d. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/july/documents/papa-francesco_20140728_caserta-pastore-traettino.html>. Acesso em: 13 maio 2018.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Ut unum sint**. São Paulo: Paulinas, 1995.

KASPER, Walter. Ecumenismo nos passos do Papa Francisco. **Instituto Humanitas Unisinos**, 4 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/532953-ecumenismo-nos-passos-do-papa-francisco-artigo-de-walter-kasper%20>>. Acesso em: 13 maio 2018.

LORSCHIEDER, Aloísio. Linhas mestras do Concílio Ecumênico Vaticano II. In: SANTOS, Manoel Augusto (Org.). **Concílio Vaticano II: 40 anos da Lumen gentium**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2005. p. 17-26.

O pontificado de Francisco em perspectiva ecumênica

MIRANDA, Mário de França. **A Igreja numa sociedade fragmentada**. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. Instituição e indivíduo na reforma eclesial de Lutero e de Francisco. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 49, n. 1, p. 17-40, jan./abr. 2017. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3689>>. Acesso em: 15 maio 2018.

WOLFF, Elias. Reformas na igreja: chegou a vez do catolicismo? Uma aproximação dos 50 anos do Vaticano II e os 500 anos da reforma luterana, no contexto do pontificado do papa Francisco. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 12, n. 34, p. 534-556, abr./jun. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/6665>>. Acesso em: 14 maio 2018.

ZILLES, Urbano. **A modernidade e a Igreja**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 1993.